

## SÉCULO XXI, TERCEIRA DÉCADA: A MODIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E A CULTURA DO CANCELAMENTO

21ST CENTURY, THIRD DECADE: THE TRANSFORMATION OF SOCIAL RELATIONS AND CANCEL CULTURE

Diego Raian Aguiar Pinto<sup>1</sup>

**RESUMO:** É fato que as relações sociais humanas têm se modificado substancialmente no século XXI. Uma das principais explicações para tais modificações é, sem muitas dúvidas, o advento da cultura digital, representada pela internet e, principalmente, pela popularização das redes sociais de comunicação, tais como *Instagram*, *Facebook*, *X* e *TikTok*. Vivente em mundo virtual, o ser humano passa a conviver com uma problemática própria desse espaço: a cultura do cancelamento. Com o objetivo de compreender o funcionamento da política do cancelamento virtual, o presente artigo desenvolve uma análise atual sobre a utilização das redes sociais pelo ser humano contemporâneo. Autores como Adorno e Horkheimer (1985), Bauman (2001), Foucault (1987), Lanier (2010) e Popper (2012), foram utilizados para a sustentação teórica desenvolvida por essa produção.

**Palavras-Chave:** Cancelamento. Intolerância. Mundo Virtual. Redes Sociais.

**ABSTRACT:** It is a fact that human social relations have undergone substantial changes in the 21st century. One of the main explanations for these transformations is, without a doubt, the advent of digital culture, represented by the internet and, especially, by the popularization of social communication networks such as *Instagram*, *Facebook*, *X*, and *TikTok*. Living in a virtual world, human beings begin to face a problem that is characteristic of this space: cancel culture. In order to understand how the dynamics of online cancellation operate, this article develops a contemporary analysis of how social networks are used by modern individuals. Authors such as Adorno and Horkheimer (1985), Bauman (2001), Foucault (1987), Lanier (2010), and Popper (2012) were used to provide the theoretical foundation for this work.

**Keywords:** Cancel Culture. Intolerance. Virtual World. Social Networks.

### INTRODUÇÃO

As relações sociais desenvolvidas na contemporaneidade a cada dia se modificam intensamente. O avançar das redes de internet proporcionou para o mundo uma completa modificação cultural, substituindo, gradualmente, as sociabilidades tradicionais por novos focos

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS - UNEB)  
Graduado em História, graduado em Filosofia e Graduado em Ciências Sociais.  
Professor do Efetivo do Colégio da Polícia Militar em Bom Jesus da Lapa - Bahia  
Professor Substituto da Universidade do Estado da Bahia. [aguiardiego1403@gmail.com](mailto:aguiardiego1403@gmail.com)  
Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9720943973446287>

de comunicação e interação em comunidade. O mundo se modifica em uma velocidade nunca antes vista, por isso, dia após dia, as pessoas são colocadas em novos contextos de vivência.

O atual relógio ideológico apressou os ponteiros do tempo coletivo. As barreiras espaciais estão sendo quebradas pela facilidade e rapidez do compartilhamento das informações. Em meio a essa quebra das barreiras de tempo e espaço, as relações sociais também se modificaram, dando espaço para as conexões virtuais. As relações são líquidas, sem formas definidas, conforme Bauman (2001) explicou metaforicamente.

Essa liquidez das relações contemporâneas trouxe para o corpo social variados contextos, paradigmas e personagens. O vivenciar da cultura pelo ser social é completamente diferente de outros períodos, haja vista que o universo simbólico fornecido pelo mundo virtual é muito mais complexo do que qualquer outra modificação estrutural que já aconteceu no mundo. A internet possibilita para o indivíduo o contato com uma imensidão de informações em poucos segundos, algo inédito na história do mundo.

As mídias sociais, entendidas como suportes para difusão da informação, determinam muitos conceitos da existência humana. O meio virtual parece objetivar tomar o controle da vida humana, alterando todas as relações culturais desenvolvidas em sociedade. A distopia de Matrix nunca esteve tão atual. O paradigma shakespeariano sobre a existência humana foi atualizado. Agora, existir ou não existir pressupõe se fazer presente nas redes virtuais de comunicação, até porque as relações virtuais parecem se sobrepor sobre as relações materiais. O paradigma contemporâneo da existência humana, não contente em apenas atualizar o pensamento de Shakespeare, reciclou também a teoria das ideias de Platão.

Para o filósofo grego clássico, a existência visualizada na matéria (mundo sensível) não passava de ilusões e não representava a realidade. A verdade estava no mundo ideal, este além da materialidade. Atualmente, verificamos também a existência de dois mundos, o que chamaremos de mundo material e mundo virtual. O mundo material é representado por nossa existência em sociedade, já o mundo virtual é a abstração da nossa realidade em redes de comunicação virtual. Há uma grande confusão sobre o conceito de realidade, uma vez que, contrariando Platão, a idealização da realidade parece não mais representar a verdade. Para grande parte dos internautas, o mundo virtual é apenas uma máscara para esconder suas realidades fatigantes.

O afastamento da realidade material potencializou o número de assinantes nas redes virtuais de comunicação, alterando os modos de vivenciar as relações culturais em sociedade e criando novos paradigmas sociais, como a cultura do cancelamento, um dos objetivos de análise dessa produção. Para tanto, estudaremos a rede social *Instagram*, hoje rede social de maior relevância se levarmos em conta os seguintes aspectos: inscritos, número de visualizações, possibilidades de interação e anúncios.

Foi no *Instagram* que visualizamos o início das discussões sobre a cultura do cancelamento. Cancelar, no dicionário online de português, significa “tornar sem efeito, eliminar, suspender, suprimir”. A cultura do cancelamento é uma readaptação das relações sociais desenvolvidas antes da era virtual, quando afastávamos daqueles amigos que de algum modo não mais nos agradava. Ademais, é importante afirmar que as relações vivenciadas no mundo virtual são apenas adaptações das relações materiais, estas potencializadas com o grande alcance das redes sociais de comunicação. Antes disso, as pessoas também faziam amigos, inimigos, encontravam pares românticos, falavam o que pensavam, etc., mas com uma proporção e uma exposição menor. As redes sociais adaptaram as realidades com o objetivo de recriar virtualmente as relações culturais já existentes no mundo.

Dentro dessas readaptadas relações sociais constantemente visualizamos usuários que 3  
querem se fazer importantes, seja ao postar uma foto, abrir uma discussão ou emitir opinião sobre um fato ou assunto. As redes sociais abriram espaços consideráveis para isso e, hoje, é muito fácil atingir a lógica do artista estadunidense Andy Warhol (1928 – 1987), que afirmou que “um dia, todos terão 15 minutos de fama”. É notório que se uma determinada pessoa fez um post em uma rede social, que tem por objetivo compartilhar conteúdo, ela espera por reações, logicamente, caso contrário ela não publicizaria.

Nesse ponto, uma importante discussão precisa ser aberta: os usuários são apenas ingênuos ao utilizar as redes sociais ou eles simplesmente não entendem e/ou desconhecem o real funcionamento das interações virtuais? Essas discussões dominarão a análise sobre a cultura do cancelamento, visto que o ato de “cancelar” um usuário diz muito sobre as maneiras de utilização da internet na contemporaneidade.

Nas redes sociais “cancelar” tem por significado o boicote coletivo de algum usuário que se envolveu em alguma confusão. Geralmente, as pessoas canceladas possuem certa notoriedade nas mídias sociais; políticos, cantores, artistas e influenciadores digitais são os alvos preferidos

da cultura do cancelamento. Sobre os últimos, faz-se necessário um parágrafo para o melhor entendimento desses “novos sujeitos”.

Os influenciadores digitais são pessoas que têm a capacidade de induzir os usuários a seguirem seus estilos de vida. Eles objetivam fazer com que os usuários comprem os produtos anunciados, prometendo a essas pessoas a aproximação dos seus estilos de vida. Novamente, percebemos nesse ponto uma readaptação de uma lógica já existente em outras mídias sociais: o endeusamento das pessoas comuns. O sistema neoliberal transforma essas pessoas em subcelebridades, intuindo a aproximação dos consumidores ao estilo de vida dos influenciadores. É mais fácil se parecer com um influenciador do que com um ator global. Isso sempre aconteceu nos comerciais de margarina, por exemplo.

Um ciclo interminável se forma. Coagidos pelo sistema, os influenciadores, estes com alguns “k” (milhares) de seguidores, transformam o *Instagram* em um espaço de culto ao consumo, como é de práxis em qualquer ambiente permeado pelo neoliberalismo. Ao visualizar esses contextos, os “usuários comuns” buscam a introdução dentro desse sistema virtual extremamente lucrativo. Uma pirâmide se forma, na qual os grandes influenciadores induzem os usuários a comprarem as grandes marcas e os pequenos influenciadores induzem os usuários a comprarem as marcas menos conhecidas, tudo determinado pelo capital. Conforme defende Adorno e Horkheimer (1985):

A heroificação do indivíduo mediano faz parte do culto do barato. As estrelas mais bem pagas assemelham-se a reclames publicitários para artigos de marca não especificada. Não é à toa que são escolhidas muitas vezes entre os modelos comerciais. O gosto dominante toma seu ideal da publicidade, da beleza utilitária. Assim a frase de Sócrates, segundo a qual o belo é o útil, acabou por se realizar de maneira irônica. O cinema faz propaganda do truste cultural enquanto totalidade; no rádio, as mercadorias em função das quais se cria o patrimônio cultural também são recomendadas individualmente. Por cinquenta centavos vê-se o filme de milhões de dólares; por dez recebe-se a goma de mascar por trás da qual se encontra toda a riqueza do mundo e cuja venda serve para que esta cresça ainda mais”. (1985, p. 146)

A análise da Indústria Cultural feita pela Escola de Frankfurt, aqui representada por Adorno e Horkheimer (1985), não poderia ser mais atual. No período dos estudos de Frankfurt, os pensadores visualizavam a ascensão do cinema, que se tornaria principal responsável pela venda de um estilo de vida. Hoje, caso eles fossem vivos, observariam que o culto ao barato está cada dia custando menos. A internet massificou toda a rede cultural, fornecendo a seus usuários uma falsa noção de liberdade e mobilidade. “Mas a liberdade de escolha da ideologia que reflete

sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa”. (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 138).

A dominação de toda superestrutura pelo capitalismo moderno faz com que a sociedade produza a todo instante, até mesmo nos momentos que deveriam ser vivenciados como lazer e distração. As redes sociais, também ferramentas do neoliberalismo, executam com maestria essa dinâmica: o que deveria ser momento de socialização, transformou-se em momento de consumo. A cultura que deveria ser formadora de cidadãos, forma apenas consumidores.

O apêndice de toda essa rede virtual de dominação é o próprio influenciador digital, figura extremamente precível e substituível. Ele é apenas mais uma marionete de todo sistema, utilizado como “boi de piranha” para a venda dos ideais capitalistas. Por conta de toda essa exposição, é esse indivíduo que recebe todas as reações dos outros usuários, ficando, desse modo, suscetível ao cancelamento.

Depois da análise da parte estrutural definidora de alguns conceitos de vivência virtual, é necessário a análise do campo de ação dos usuários das redes sociais contemporâneas, principalmente o *Instagram*, conforme indicado. Anteriormente, fizemos um questionamento a respeito da utilização das redes sociais pelos usuários, objetando entender se há desconhecimento das estruturas de navegação ou ingenuidade no trato da dinâmica virtual. Os comportamentos individuais nas redes sociais definem a popularização do usuário ou o seu cancelamento. Para além das redes de dominação, os indivíduos possuem certos campos de ação que definem a sua experiência da cultura virtual.

Antes de tudo, ao acessar as redes virtuais contemporâneas, é fundamental que o indivíduo tenha plena consciência de que ele lidará com um ambiente extremamente amplo e popularizado, aberto para inúmeras possibilidades de socialização, algumas intencionais, outras não. Ao compartilhar um conteúdo o usuário está sujeito as reações, fato que ele não pode e nem deve negar, uma vez que ele precisa entender o conceito universal das redes sociais. A reação é algo comum em qualquer socialização, porém as ferramentas virtuais forneceram a ampliação das reações; o seu conteúdo poderá ser acessado por milhares de pessoas em poucos segundos. É preciso assumir esses riscos.

As redes virtuais de socialização não são uma nova realidade para as pessoas. As experiências no *Orkut* e no *Facebook*, principalmente, já deveriam ter alertado para a utilização desses mecanismos, porém, não é o que se observa. A pouca preocupação com o conteúdo postado e o uso desenfreado são apenas alguns dos problemas que são visualizados na segunda

década do século XXI. Além disso, um outro ponto que merece ser analisado com mais atenção é a necessidade de os usuários terem a autoridade da verdade sobre determinado assunto, o que pode acabar levando ao cancelamento.

As redes virtuais de comunicação disponibilizam seus espaços para a colocação de diferentes pontos de vista. Múltiplos pensamentos e ideologias são expostos cotidianamente por milhões de usuários e, novamente, o cuidado com suas postagens deve ser seu. Você deve se responsabilizar pelo seus dizeres, tanto materialmente como virtualmente. O espaço aberto para as múltiplas visões é algo positivo dentro do mundo virtual, entretanto, as mesmas possibilidades que são abertas para a explanação de um bom conteúdo são oferecidas para a exposição de discursos que não mais podem ser aceitos na sociedade. Conforme defendeu Umberto Eco, as redes sociais deram voz à uma legião de imbecis.

O discurso de autoridade sobre a verdade precisa ser levado em conta nas análises sobre o cancelamento. Conforme discute Jaron Lanier (2010), um dos maiores pensadores sobre as redes virtuais de comunicação, os usuários não conseguem separar a realidade virtual do seu mundo material; as pessoas encarnaram as suas máscaras virtuais, o que prejudicou grandemente a construção de conexões proveitosas para a vida em sociedade. Os discursos das redes sociais tomaram conta das discussões dos mais variados temas. A autoridade intelectual saiu das academias e se fez presente nos posts. Os usuários sabem de tudo sem necessariamente estudarem nada. A linha que separava a informação do conhecimento desapareceu.

As pessoas falam sobre tudo. Política, raça, gênero, esfericidade da terra, história, vacinas, etc. Os discursos geralmente são muito fortes e permeados de pós-verdades. Os usuários que se encaixam nesse perfil se utilizam de pesquisas pouco profundas e sem comprovações técnicas para determinarem o discurso correto sobre determinado conteúdo. Desse modo, vários temas são estruturados sem o devido cuidado e sem um parecer científico. Por trás desse usuário se faz presente uma pessoa que tem por objetivo o pertencimento a uma comunidade, bem como nas relações tradicionais de sociabilidade, nas quais as pessoas buscam se aproximar daqueles que pensam parecido com elas. A verdade discursiva nunca foi a protagonista.

A cultura do cancelamento apresenta variadas vertentes. Uma das necessidades de cancelar é justamente a vontade dos usuários em fazer parte de certa comunidade. Aqueles que cancelam têm em comum a aversão a pessoa cancelada. As redes sociais funcionam em comunidades e, ser aceito em alguma dessas, faz com que a popularidade aumente, principal

objetivo dos usuários. Por isso, na segunda e terceira décadas do século XXI, marcadas pelo avançar imensurável das plataformas de comunicação virtual, cancelar tornou-se banal; não são necessários grandes motivos para um cancelamento.

Um fator relevante para análise da cultura do cancelamento é a construção dos tribunais virtuais. As redes sociais formam cotidianamente uma série de profissionais do direito, responsáveis por acusar ou defender os comportamentos dos usuários. O grande tribunal virtual, diferentemente da estrutura judicial brasileira, é extremamente ágil; as sentenças demoram poucos minutos para serem dadas. O controle social exercido sobre as pessoas ultrapassou todas as previsões de Foucault (1987), uma vez que a virtualização das relações sociais intensificou a vigilância sobre as pessoas, deixando-as muito mais suscetíveis a punições, muitas delas materializadas em “cancelamentos”.

A dominação das pessoas nas redes sociais de comunicação criou um grande paradoxo: as estruturas virtuais que prometeram a total liberdade do usuário apenas intensificaram a dominação neoliberal já existente. A liberdade nunca foi tão coagida. As inscrições nas redes sociais são gratuitas e as postagens são livres, apenas disfarces para o ambiente altamente controlado, destinado a colher dados que futuramente serão utilizados para incentivar o consumo. Não é toa que inúmeros anúncios de máquina de lavar aparecem logo após você cogitar comprar esse item.

7

Basicamente, todas as pessoas com certo grau de popularidade na internet já passaram pelo tribunal virtual. Os “cancelamentos” são as punições mais comuns. É uma pena que se repete constantemente, independe dos “crimes” cometidos pelos usuários. A título de exemplo, podemos citar duas das maiores figuras públicas do Brasil: a cantora Anitta e o jogador de futebol Neymar Júnior. Os dois são recordistas em cancelamentos; entre os motivos para essa penalização, destacam-se a pouca participação política da primeira e as acusações de estupro do segundo. Perceba que o tribunal virtual equiparou uma possível omissão a uma grave acusação de estupro.

Outro fator relevante a se observar é o julgamento precoce, sem materialidades para as decisões que podem prejudicar ferozmente a imagem de uma pessoa. No caso de Neymar Júnior, por exemplo, as acusações ainda não possuíam veredictos definitivos pelo tribunal responsável pelo caso, órgão que se espera competência e preparo para o exercício da justiça. Os internautas não podem continuar exercendo autoridade sobre todos os âmbitos possíveis de uma sociedade.

O cancelamento tem como principal mecanismo a intolerância. Quando não há tolerância da ideia ou da atitude do próximo, há o cancelamento. Entre tantas questões que podem ser levantadas a respeito da cultura do cancelamento, uma precisa ser ponderada: é legítimo cancelar? Um dos importantes estudos sobre tolerância foi feito por Voltaire, em sua obra *Tratado Sobre a Tolerância*. Entre as tantas valiosas considerações do autor, uma noção estrutura seus entendimentos sobre a tolerância: o direito da intolerância é absurdo e bárbaro. Segundo o autor, não podemos exterminar pessoas por causa de parágrafos – nos dias atuais, por posts -, uma vez que qualquer acusação deve fornecer ao acusado o amplo espaço de defesa.

Voltaire (2015) constrói seu estudo na Europa Moderna, recém introduzida ao protestantismo. Um caso em específico marcou os conflitos religiosos na França; em Toulouse, no ano de 1761, Jean Calas e sua família, todos protestantes, foram acusados do assassinato do filho Marc-Antonie que, segundo o processo, queria virar católico. O evento inclui grande fanatismo religioso e uma discussão perspicaz sobre a tolerância.

Marc-Antonie morreu em decorrência de um enforcamento, restava saber se ele se suicidou ou foi enforcado criminalmente. A população não esperou as conclusões do processo e, ainda ao lado do corpo não autopsiado, apontou seus dedos e seus discursos contra Jean Calas e a família, acusando-os de terem matado Marc-Antonie por este objetivar se converter ao catolicismo. O fanatismo religioso cegou até mesmo aos tribunais responsáveis pelo caso, que também condenaram Jean Calas e todos os outros que estavam na residência. A intolerância imperou sobre Toulouse.

Jean Calas foi brutalmente torturado em 10 de maio de 1762, com todos seus membros esticados por talhas, até ser finalmente executado. Os outros acusados tiveram seus julgamentos adiados, uma vez que se esperava a confissão, o que não aconteceu mesmo com as duras torturas cometidas contra o condenado. Levantou-se por toda França correntes de protesto contra a morte de Jean Calas, considerando que o processo foi julgado com base na intolerância religiosa. Voltaire participou desses protestos e como contribuição para luta contra intolerância escreveu o livro *Tratado Sobre a Tolerância*, publicado pela primeira vez em 1763.

Três anos mais tarde Jean Calas é absorvido postumamente, porém os males da intolerância já tinham feito mais uma vítima. Todos os presentes na cena do crime foram também absorvidos e o processo foi considerado um grande equívoco. Ficou na história o importante ensinamento de que a intolerância pode transformar uma sociedade de direitos em

um pandemônio permeado de pré-conceitos e incomplacências. A cultura do cancelamento é a reafirmação da cultura da intolerância.

Quando se analisa a cultura do cancelamento e a emergência das novas relações sociais precisamos ter ciência da subjetividade que determina a existência do ser social. Como na realidade material, os usuários apresentam contextos formativos que os auxiliaram no processo de construção de suas experiências sociais. Todos eles necessitam ser levados em conta quando objetivarmos punir um usuário por suas atitudes online.

Karl Popper, um dos grandes nomes da filosofia do século XX, fornece importantes teorias para a compreensão da tolerância na contemporaneidade, estas que podem facilmente ser aplicadas na análise da cultura do cancelamento e das readaptadas relações sociais. No livro *A Sociedade Aberta e seus Inimigos* (2012), Popper levanta um interessante paradoxo: a tolerância ilimitada pode levar a intolerância?

Essa questão abre horizontes para o entendimento do objeto que esse estudo propôs analisar. Não podemos negar, de nenhum modo, que o usuário deve ser sujeito de suas próprias atitudes; ele deve assumir as consequências dos seus atos, uma vez que as suas existências precisam ser definidas por eles próprios. O cuidado individual com as suas redes sociais precisa ser redobrado em um ambiente extremamente amplo e aberto, tal qual é a internet. Por tudo isso, cabe ao usuário o reconhecimento dos mecanismos que estruturam as redes sociais. Ser ingênuo em um mundo com tantas informações não é mais permitido.

O paradoxo levantado por Popper (2012) instrui os usuários sobre a necessidade de compreender que a cultura do cancelamento não pode ser aplicada em todos os casos, caso contrário nossa sociedade se encaminhará para o caos da intolerância; por outro lado, essas mesmas redes não podem servir de máscaras para o mau-caratismo e para a perpetuação dos intolerantes. Os discursos de ódio, as *fake-news* e as pós-verdades não podem continuar a exercer suas autoridades no ambiente virtual, deixando-nos passíveis a tolerar a intolerância. Tais discursos precisam ser combatidos legalmente.

O paradoxo da tolerância diz que não se pode tolerar os intolerantes, haja vista que, futuramente, a intolerância pode destruir todos os graus de tolerância de uma sociedade. Sendo assim, evidentemente, os discursos virtuais de ódio contra a democracia e contra as diferenças de gênero, de classe e de raça, por exemplo, não podem ser tolerados, senão as possibilidades de destruição da sociedade democrática de direito em que viveremos ficarão escancaradamente

abertas. Dito isso, a intolerância não pode ser tolerada e, assim, o “cancelamento” dos usuários que seguem essa linha se torna uma prática aceitável.

Os indivíduos não podem abrir mão das importantes conquistas sociais e políticas adquiridas por meio de muita luta. É notório que as redes sociais abriram importantes espaços para as discussões de temas de relevância para o amplo funcionamento da sociedade, a exemplo das discussões sobre o racismo, que constantemente dominam as postagens de um número considerável de usuários. Discutir racismo estrutural, desigualdade de raça e as diversas formas de preconceito auxiliam consideravelmente na formação intelectual dos usuários das redes sociais, por isso, é de suma importância que fomentemos tais discussões.

A conquista do direito de falar sobre tais assuntos não pode ser perdida pela hegemonia da intolerância, que busca de todos os modos conter o avanço dos direitos de grupos historicamente desprivilegiados. Muitas comunidades da internet consideram que os debates sobre esses temas não são relevantes para o desenvolver social, acreditando que tudo isso não passa de “MiMiMi”, expressão popularizada nas redes sociais que tem por objetivo depreciar o discurso do outro. Na verdade, é perceptível que essa atitude é uma tentativa de manter o status quo de dominação social, amplamente reproduzido pela massa intencionalmente embrutecida. A superestrutura capitalista determina os discursos que podem ser reproduzidos na estrutura social, conforme defendeu Marx e Engels (2008).

10

De fato, a busca pelo bem-estar social não pode, de modo algum, ser interrompida por discursos que visam a exclusão de vários grupos da dinâmica construtiva da sociedade contemporânea. Assim, a cultura do cancelamento pode ser entendida de dois modos distintos: 1) é necessário cuidado com o cancelamento de todos os indivíduos que de algum modo não compactuam com aquilo que você pensa; cancelar apenas por não concordar com uma ideia é um caminho perigoso em direção à intolerância; 2) é necessário que todos estejam atentos aos discursos que visam a proliferação de ódio e das inverdades para que a sociedade não passe a tolerar o intolerante, como argumentou Popper (2012); nesse caso, além do “cancelamento” virtual, as estruturas jurídicas brasileiras precisam agir combatendo tais discursos de exceção.

As relações sociais se modificam com o passar dos anos e com o advento de novas formas de sociabilidades, entre elas, as redes sociais de comunicação. Não cabe juízos de valor na análise dessas novas formas de contato com outro, pois elas são o que podem ser; a certeza da mudança é a única constante no desenvolvimento das relações humanas, por isso, evidentemente, a socialização dos homens com o meio e com outros homens sempre modificarão com o

deslocamento dos contextos e dos espaços. Assim, fundamentados nas ideias acima expostas, cabe a nós lutarmos para que a convivência entre todos seja a mais harmoniosa, respeitosa e tolerante possível, tanto no mundo material quanto no mundo virtual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

LANIER, Jaron. **Você não é um gadget**: um manifesto. São Paulo: Saraiva, 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 2012.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância**. São Paulo: Martin Claret, 2015.